

## EXPOSIÇÃO DO MAPEAMENTO PSICOSSOCIAL COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA FORTALECIMENTO DA CIDADANIA<sup>1</sup>

Orlando Lourenço Silva dos Santos<sup>2</sup>  
Maria Ângela Sátiro da Costa<sup>3</sup>  
Milena Cândido Borges<sup>4</sup>  
Déborah Lays de Moura Lélis Cabral<sup>5</sup>  
Aline Maria Barbosa Domício Sousa<sup>6</sup>  
Ada Raquel Teixeira Mourão<sup>7</sup>

### RESUMO

O trabalho apresenta as etapas e os resultados da “Exposição Interativa Ser Junco”, ocorrida na Escola Estadual Miguel Lidiano, em Picos - Piauí, como ação desenvolvida pelo Programa de Extensão “Ser Cidade: subjetividades, coletividade e educação nas relações com as cidades” da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Picos. O objetivo foi compartilhar com a população os resultados do mapeamento psicossocial e ambiental realizado no bairro, com foco nas vivências e experiências dos moradores. Nos interessou enfatizar as histórias e memórias, as relações sociais e dinâmicas, além dos afetos associados ao bairro. Utilizamos a exposição como método de divulgação das informações obtidas no mapeamento, além de estimular os visitantes a interagirem com os diferentes conteúdos apresentados. Os resultados do mapeamento foram expostos em três espaços físicos denominados: Espaço das Memórias, Espaço dos Afetos e Espaços e Lugares. A exposição recebeu visita de estudantes das escolas e da universidade, de moradores do Junco e docentes interessados na história do bairro. Com base no envolvimento das pessoas que participaram da exposição, compreendemos que o olhar da comunidade sobre si mesma é essencial para qualquer ação na cidade. O resgate da memória do lugar contribui para o fortalecimento da ação dos moradores como agentes de mudança e cidadania.

**Palavras-chave:** Exposição. Bairro Junco. Memória. Espaço. Lugar.

### INTRODUÇÃO

O Programa de Extensão “Ser Cidade: subjetividades, coletividade e educação nas relações com as cidades” promoveu uma ação socioeducativa e comunitária no bairro Junco da cidade de Picos, Piauí, através da realização de uma exposição que teve por objetivo dar retorno à comunidade e visitantes em geral, dos resultados obtidos a partir do mapeamento socioambiental do bairro Junco. Os

---

<sup>1</sup> Ação do Programa de Extensão “Ser Cidade: subjetividades, coletividade e educação nas relações com as cidades” da Universidade Federal do Piauí (UFPI), campus Picos, em parceria com o Laboratório de Estudos das Relações Humano-Ambientais da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e com financiamento de bolsas de extensão (PIBEX) pela Pró reitoria de extensão e cultura PREXC/UFPI.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí, [orlandolourenco@ufpi.edu.br](mailto:orlandolourenco@ufpi.edu.br)

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, [mariaangelasatiro@ufpi.edu.br](mailto:mariaangelasatiro@ufpi.edu.br)

<sup>4</sup> Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal do Piauí, [milenaaborges304@ufpi.edu.br](mailto:milenaaborges304@ufpi.edu.br)

<sup>5</sup> Graduando do Curso de História da Universidade Federal do Piauí, [deborahlelis22@ufpi.edu.br](mailto:deborahlelis22@ufpi.edu.br)

<sup>6</sup> Professora da UNIFOR, Doutora em Psicologia, UMINHO, Portugal, [alinedomicio@unifor.br](mailto:alinedomicio@unifor.br)

<sup>7</sup> Professora da UFPI, Doutora em Psicologia, UB, Espanha, [adamourao@ufpi.edu.br](mailto:adamourao@ufpi.edu.br)

dados foram coletados a partir de entrevistas, mapeamento geográfico e mapas afetivos (Bomfim, 2010), entre março e agosto de 2022. A exposição foi realizada, nos dias 16 e 17 de setembro de 2022, na quadra da Unidade Escolar Miguel Lidiano, escola da Rede Estadual situada no bairro. O objetivo principal da exposição foi articular um espaço de discussão entre moradores da comunidade e a universidade, como forma de retorno à comunidade.

Os conteúdos presentes na exposição foram subdivididos em três eixos: Espaço das Memórias, Espaço dos Afetos e Espaço e Lugares, que se constituíram em ambientes pelos quais os moradores poderiam se locomover. Como forma de apresentação dos dados, escolheu-se a exposição, organizada a partir de uma lógica que dividiu o material em segmentos, ou seja, “os curadores determinam uma forma de como guiar os visitantes no ambiente, seja físico ou virtual, sendo possível organizar em uma sequência. Ao mesmo tempo, os visitantes são livres para pular os espaços e verem o que mais chama sua atenção” (Reuell, 2009).

Ao longo da exposição, solicitou-se aos visitantes, possíveis informações adicionais sobre o bairro que, porventura, não estivessem contempladas nos dados coletados e expostos, por essa razão a exposição se qualificou como interativa. Os dados apresentados buscaram, não só apresentar a história do bairro e dos seus espaços físicos, mas também os afetos que os moradores relataram pelo lugar. Havia a intenção de propiciar, igualmente, momentos em que os moradores pudessem relembrar lugares, histórias, pessoas marcantes para a construção do Junco e os demais visitantes pudessem conhecer e construir, a partir do que foi exposto, um novo olhar e formas de vivência em relação ao bairro.

A ideia de mapear e expor os dados encontrados na comunidade, está embasada na importância do conhecimento das pessoas do lugar sobre si mesmas, da sua história, sua cultura e os afetos associados ao bairro. A construção do sentido de comunidade, passa pelas vivências, pela apropriação do espaço (Pol, 1996) e chega à construção de uma identidade de lugar (Proshansky; Fabian; Kaminoff, 1983). É salutar nesse processo o estudo sobre a vinculação das pessoas ao bairro, o que auxilia no aumento do interesse das pessoas pelos bens públicos e a maior participação de cada um na gestão da cidade.

Desse modo, a exposição estabeleceu uma interação dialógica entre a universidade e a comunidade, com troca de saberes, buscando que moradores pudessem contribuir e atuar na indicação dos desafios existentes na comunidade, na sustentação e proteção da identidade do bairro, fortalecendo a extensão universitária e a comunidade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Somente nos anos 1970, no Brasil, o termo *comunidade* começou a ser utilizado como um referencial analítico na história das ideias psicológicas e nas ciências humanas e sociais como um todo, "quando um ramo da psicologia social se autoqualificou de comunitária" (Sawaia, 1996, p. 35). Apesar disto, a valorização crescente sobre o estudo das comunidades não foi um processo único para as ciências psicológicas. Houve, de forma *sui generis*, um movimento em diferentes países da América Latina que contestava a neutralidade científica preconizada à época, assim como outros tipos de paradigmas que modificaram as formas de produzir ciência.

Como afirma Khun (1968 *apud* Solé, 1997) a história, contextualizada criticamente, poderia produzir uma revolução nas formas como a ciência produz conhecimento. Da mesma forma, o conceito de comunidade foi proposto, acima de tudo, como uma teoria crítica e potente que interpreta o mundo a fim de transformá-lo. Ainda nos anos 1970, até o final do século XX, a comunidade passou a ser definida como um lugar onde as pessoas se relacionam uns com os outros, marcados pela solidariedade e pelos afetos, embora as relações ainda tivessem os interesses econômicos como preponderantes (Polivanov, 2015). Na transição do século XX para o XXI, o debate em torno da comunidade se intensificou, culminando na ideia de que a comunidade vai além dos espaços físicos ou das relações econômicas, partindo ao encontro de um "constructo discursivo construído simbólica e materialmente (Polivanov, 2013). Assim, a ideia do que é comunidade, só pode ser compreendida enquanto conceito polissêmico, sendo percebido, por si só, como um lugar de disputas e não um lugar de calma cotidiana e pretensa harmonia.

A partir dessa compreensão de comunidade, é importante destacar que, qualquer pesquisa científica no contexto comunitário, deve ser conduzida no sentido de apreender e captar o modo de vida comunitário dos moradores do lugar. Em outros termos, "falar da vida comunitária, como essência do conceito de comunidade atual, é o mesmo que falar de vida cotidiana da comunidade" (Araújo, 1995, p. 90). Desse modo, não podemos conhecer a realidade da comunidade se não participarmos do cotidiano dela de forma vivencial e cognitivamente, analisando suas estruturas de conhecimento, bem como suas metáforas, sentidos e significações, com atenção aos processos interativos produzidos nas coletividades, ao mesmo tempo, desde o ponto de vista individual e grupal (Montero, 2009), numa lógica interseccionada pelos processos de vinculação com os espaços físicos, ambientais e socioemocionais demarcadas pelo tempo histórico e cultural de cada localidade.

A busca por compreender de forma contemporânea o conceito de comunidade no século XXI, levou autores como Bauman (2003) a ressignificar a perspectiva de que o termo aparentemente obriga as pessoas a viverem em fraternidade, independente dos talentos ou possibilidades de cada um, distante, pois, de uma visão poética profetizada no trocadilho "comum-idade", e mais voltada para

uma tessitura de diálogos que, não raras vezes, são configurados como contraditórios, por terem regência no sentimento frágil da vida, no sentimento comunitarista e utilitário, além de midiático, do termo. O fato, diz Nisbet (2023), é que a vida comunitária traz uma certa perspectiva de segurança emocional aos que nela convivem, mas não afasta a imperfeição característica da vida comum, principalmente quando falamos de um bairro e seus espaços públicos, espaços de coabitação onde o diálogo entre diferentes e a convivência com a alteridade é fundamental para a construção de regras comuns (Gomes, 2018).

Na prática, um dos resultados mais conhecidos desse processo histórico de análise do conceito de comunidade, além dos seus usos de forma polissêmica e plural, é que falamos em comunidades no plural, ao invés de comunidade no singular. Assim, argumentamos que há indícios de interatividade, transformadora e crítica, inerentes aos conceitos de comunidade. Desde os anos 1970 aos dias atuais, defini-los exclusivamente como laços permanentes é, acima de tudo, matá-los já nas suas origens. É no bojo dessa discussão que a riqueza da Exposição no Junco vem resgatar a força, inclusive conceitual, da interatividade no eixo comunitário; sobretudo como forma de conhecimento de si e interação entre o mundo acadêmico e o bairro.

Mais profundamente, o percurso metodológico iniciado com o mapeamento psicossocial e ambiental do lugar, foi realizado de forma a ampliar os horizontes das pessoas do lugar e pesquisadores, fazendo um convite para pensar as comunidades de forma diferente e a produzir conhecimentos sobre si mesmas. Cabe à educação, como construtora da humanidade do ser humano, através da produção de sentido de suas práticas sociais e culturais, colocar-se a serviço da *polis* para a “[...]construção de uma realidade melhor, mais justa, solidária e plena, na perspectiva da formação omnidimensional dos Seres Humanos, através do trabalho e do engajamento social [...]” (Vasconcellos, 2021, p. 18).

A psicologia ambiental latino-americana, também trabalha com o desafio de expandir essas vivências comunitárias, de tal modo que haja fortalecimento da cidadania com transformação das condições de vida locais (Montero, 2010), através do sentimento de comunidade (García; Giuliani; Wiesenfeld, 1999). De modo amplo, estes foram objetivos semelhantes ao que a Exposição Interativa Ser Junco, buscou proporcionar aos visitantes e moradores do bairro.

Evidencia-se, ainda, que no tocante as técnicas investigativas, Walker (1993), explica os conceitos de participação e ação como uma estratégia básica metodológica. A ação esboça o esforço do pesquisador para que os dados coletados sejam mais do que apenas descobrir nexos ou informações práticas, mas a pesquisa deve envolver um componente de gerar mudanças que sejam vistas como positivas pelos moradores para o lugar. Já o termo participação é um processo que requer o envolvimento igualitário e colaborativo das pessoas do bairro.

Na América Latina, Frizzo (2019) afirmou que a investigação deve ser capaz de aproximar a ciência do processo de transformação social e que, para além disso, redefinir o papel do pesquisador no estudo das relações existentes entre o cotidiano e a realidade estudada. Assim, no Junco, realizamos em parceria com os moradores, um tipo específico de mapeamento psicossocial que privilegia as sensações, visões e afetos das pessoas do lugar.

Tal mapeamento, de caráter exploratório e investigativo, assumiu como enfoque, os fatores socioculturais da realidade que formam parte do contexto pesquisado que

alude a um conjunto de condicionantes ecológicos, isto é, sociais, econômicos, políticos, culturais, geográficos, históricos, na geração dos significados que as pessoas elaboram acerca de suas realidades. Todo significado está vinculado ao contexto em que é gerado, de modo que o contexto marca o caráter local da relação pessoa ambiente" (Wiesenfeld, 2005, p. 66).

Por fim, define-se mapeamento como um processo de conhecimento das pessoas sobre a forma como vivenciam seu modo de vida comunitário, do ponto de vista dos aspectos subjetivos constituintes da tessitura da comunidade, assim como de suas contradições e desigualdades, enfatizando as dimensões sociopsicológicas do lugar e não apenas os itens geográficos, econômicos ou quantitativos.

Neste sentido, o mapeamento psicossocial deve ser realizado junto com os moradores, identificando o potencial transformador no interior da própria comunidade, o que traz as condições de mudança e de cuidado entre as pessoas, que pode representar, em certa medida, a superação da pobreza, humana e material, que limita as relações interpessoais e comunitárias (Góis, 2008) e cria prejuízos ao processo de vinculação com o ambiente. É importante ter em mente que a exposição no Junco, teve relação direta com a luta social diária dos moradores. E é com este sentido que apresentamos as etapas da organização da exposição.

## **METODOLOGIA**

A exposição foi organizada a partir de três eixos, em que estavam expostas as histórias do lugar, os costumes associados ao bairro, os afetos e o mapa do bairro, denominados de: *espaço da memória, espaço dos afetos e espaços e lugares*. No “espaço da memória”, foram expostos fatos e eventos sobre a história do bairro, retratados a partir de um filme que compilava informações obtidas por meio de entrevistas, como: informações relacionadas à origem do nome do bairro, sobre os primeiros moradores, as denominações religiosas e festas tradicionais, questões econômicas locais, culturais e educacionais.

Em seguida, no “espaço dos afetos”, foram disponibilizados lápis de cor, canetas e folhas, para que os moradores pudessem fazer desenhos sobre a forma de ver e sentir o bairro. Esses desenhos foram expostos em um varal para que os visitantes pudessem se motivar a expressar sua percepção e afetos sobre o bairro. Neste mesmo espaço, os visitantes também puderam se expressar de forma escrita, através do poema dos desejos, que consistiu em distribuir um pedaço de papel em que os participantes escreviam os seus desejos para o bairro, completando a seguinte frase “Eu gostaria que o Junco...”. Os papéis com os desejos foram colados a fitas coloridas, presas a um varal, que permitia a visualização de todos (Ilustração 1), podendo haver ou não a identificação do participante por meio da sua assinatura.

Ilustração 1 – Imagem da exposição do Poema dos Desejos no espaço dos afetos.



Fonte: Acervo do programa Ser Cidade

No espaço dos afetos também foram expostos os resultados da metodologia dos mapas afetivos. Os desenhos dos mapas e seus principais significados foram impressos e colados em placas de PVC de forma a apresentarem os sentimentos associados ao bairro, conforme expresso pelos moradores focando em aspectos relacionados às relações sociais entre moradores, à dinâmica do bairro e à sua estrutura, muitas vezes apontada como inadequada e com muitos problemas básicos, como relacionados à ausência de saneamento básico, lixo e falta de iluminação. Nos mapas ficavam registrados também, os afetos associados ao bairro, a partir dos quais era possível entender as bases da construção do processo identitário dos habitantes com o lugar.

Ilustração 2 – Imagem da apresentação dos mapas afetivos



Fonte: Acervo do programa Ser Cidade

Por fim, o eixo “espaços e lugares”, onde estiveram expostas informações geográficas do bairro Junco, obtidas durante o processo de pesquisa, havia a exposição do mapa do bairro colado em uma base de isopor. Os participantes poderiam interagir utilizando-se de pinos de 3 cores diferentes para marcar os lugares importantes, lugares que gostavam e espaços com problemas. Anteriormente, durante a pesquisa de campo, para a produção do mapa do bairro Junco, percebeu-se que algumas ruas não possuíam nome, nem estavam referenciadas na plataforma *Google Maps*. O processo de buscar como as ruas eram conhecidas se tornou mais um ponto relevante e de construção da ideia do território como lugar, a forma como são apropriados e os significados atribuídos pelos moradores.

Ilustração 3 – Imagem do processo de interação com o mapa do bairro



Fonte: Acervo do Programa Ser Cidade

Durante a exposição, enquanto os visitantes passavam pelos espaços, havia o som de voz e violão para que o ambiente se tornasse ainda mais atrativo e acolhedor, possibilitando a interação e a conversação entre os presentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Finalizados os dois dias de exposição, a equipe recolheu e analisou os frutos das visitas à escola. A exposição como um todo foi vista por estudantes e professores das escolas do bairro e da Universidade. Havia universitários interessados em estudar o bairro ou mesmo conhecê-lo melhor, além de moradores que relataram vivenciar um momento nostálgico com a exposição. Pensamos que houve um aumento no interesse pela historicidade do bairro por parte não só de seus moradores, mas também de habitantes de outros bairros que circundam o Junco.

Além disso, acreditamos que a exposição desenvolveu um grau de interesse nos moradores que estavam alheios aos fatos históricos e sociais do bairro. A primeira parte da exposição, na qual os visitantes tiveram acesso a um filme contendo acontecimentos históricos, fotos antigas e curiosidades acerca do bairro, foi o ponto vital para despertar tal interesse em todos os presentes.

Outros dois pontos importantes foram a elaboração do poema dos desejos, em que as pessoas descreviam seus desejos para o bairro, envolvendo segurança, saneamento básico, lazer e afins, e o mapa onde eram fixados pelos visitantes os pontos mais importantes do bairro para eles, além de locais com problemas a serem resolvidos e locais mais apreciados pelos participantes.

Os dados coletados e apresentados na exposição, buscaram contextualizar a identidade de lugar dos moradores, pois acredita-se que essa subestrutura da identidade humana é dinâmica, ou seja, que as modificações na identidade advindas das transformações no ambiente, assim como as vivências e fatores históricos são fatores preponderantes para a constituição da subjetividade humana e da sua ligação com o lugar.

Assim, a identidade do lugar é baseada em um sentimento de pertencimento ao espaço vivencial, incluindo o tempo de vivência no lugar e a possibilidade de transformá-lo em busca de satisfação (Pol, 1996). Apenas após compreender os comportamentos dos moradores e sua ligação com o lugar é que se torna viável pensar possíveis intervenções, tendo em vista uma melhor qualidade de vida da coletividade, de seres humanos e não humanos, do seu ambiente construído, natural e da sua sustentabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o fim das atividades referentes à exposição, concluiu-se sobre a relevância de ações de extensão como esta, pois, por meio da metodologia utilizada pelo programa, ficou claro o interesse dos moradores acerca dos fatos históricos, sociais, estruturais e culturais do bairro. Até então, a comunidade não havia tido acesso a um evento que tratasse do bairro de forma ampla, apresentando os principais fatos históricos da sua formação, os primeiros moradores, as festas tradicionais, a religiosidade, entre outros. Ademais, notou-se o interesse dos moradores pelo bairro a partir dos relatos dos problemas existentes e desejos de melhoria, dos desenhos realizados na exposição e das marcações realizadas no mapa do bairro.

A exposição se constituiu numa ação de extensão dialógica entre comunidade e universidade, aproximou o morador do seu bairro, promovendo um olhar sobre si mesmo e seu ambiente de vida, além de um sentimento crescente de pertencimento e, conseqüentemente, podendo gerar ações efetivas de cuidado dos espaços e bens públicos, além de interesse de participação na vida comunitária.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente aos moradores do Bairro Junco por receber a equipe de bolsistas do programa em suas casas e lojas físicas, e aos participantes da exposição que ajudaram no processo de coleta e de divulgação científica. Agradecemos aos membros do LERHA-UNIFOR que contribuíram para a construção da exposição e, em especial, ao corpo administrativo da Unidade Escolar Miguel Lidiano por ceder o espaço para realização do evento.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rogério da Costa. O Processo de Inserção em Psicologia Comunitária: Ultrapassando o nível dos papéis. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, V.13 (1/2) V.14 (1/2) p. 89 - 96, dez 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Edições UFC, 2010.

- COSTA, Rogério da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v. 9, p. 235-248, 2005.
- FRIZZO, Katia Regina. La Investigación-Acción-Participante. In: **Enfoques conceptuales y técnicos en psicología comunitaria**: aplicación de la psicología comunitaria en el Mercosur y España. Ediciones Nuevos Tiempos, 2019. p. 135-144.
- GARCÍA, Isabel; GIULIANI, Fernando; WIESENFELD, Esther. Community and sense of community: The case of an urban barrio in Caracas. **Journal of Community Psychology**, v. 27, n. 6, p. 727-740, 1999.
- GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Saúde comunitária**: pensar e fazer. Col. Saúde e Debate, n. 83, São Paulo: HUCITEC, 2008.
- GOMES, P. C. da C. Espaço público, espaços públicos. **GEOgrafia**, Niterói, v.20, n.44, p. 115-119, set/dez 2018. Doi: 10.22409/GEOgraphia2018.v1i44.a27557
- KHUN, THOMAS S. La estructura de las revoluciones científicas. **Investigación económica**, v. 28, n. 111/112, p. 189-196, 1968.
- MONTERO, Maritza. El fortalecimiento en la comunidad, sus dificultades y alcances. **Universitas psychologica**, v. 8, n. 3, p. 615-626, 2009.
- MONTERO, Maritza. Fortalecimiento de la ciudadanía y transformación social: área de encuentro entre la psicología política y la psicología comunitaria. **Psykhé**, Santiago, v. 19, n. 2, p. 51-63, 2010.
- NISBET, Robert. **The quest for community**: A study in the ethics of order and freedom. Simon and Schuster, 2023.
- POL, E. La Apropiación del espacio. In: L. Iñiguez, & E. Pol (Orgs.). Cognición, representación y apropiación del espacio, **Monografías socio/ambientales**, n.9, p. 45-21. Universitat de Barcelona, 1996.
- POLIVANOV, Beatriz. Reapropriações do conceito de “comunidade” na contemporaneidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 11, n. 21, 2015.
- POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, n. 3, 2013.
- PROSHANSKY, H.M.; FABIAN, A.K.; KAMINOFF, R. Place-identity: Physical World Socialization of the Self. **Journal of Environmental Psychology**, 3, p. 57-83, 1983.
- REUELL, Peter. Longfellow online exhibition recognized by ACRL. **Harvard Gazette**. 15 de setembro de 2009. Consultado em 25 de maio de 2023.



SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**, v. 13, p. 35-53, 1996.

SOLÉ, Carlota. Thomas Khun. **Papers: revista de sociologia**, v. 51. p. 289-290, 1997. DOI: 10.5565/rev/papers.1871.

VASCONCELLOS, Celso. Sobre o sentido da educação. In: CHARLOT, Bernard *et al.* **Por uma educação democrática e humanizadora**. São Paulo: UniProsa, 2021. p.14-18.

WALKER, Martha Lentz. Participatory action research. **Rehabilitation Counseling Bulletin**, v. 37, p. 2-2, 1993.

WIESENFELD, Esther. A psicologia ambiental e as diversas realidades humanas. **Psicologia USP**, v. 16, p. 53-69, 2005.